

O QUE A DIVERSIDADE DE PRESAS E SITUAÇÕES DE PREDÇÃO REVELA SOBRE A ESTRATÉGIA ALIMENTAR DE *DRYMARCHON CORAIS*?

Carlos Fernando Branco Veigaⁱ  009-0007-9891-129X

RESUMO: A amplitude alimentar de uma serpente não depende apenas da diversidade taxonômica das presas, mas também das circunstâncias em que elas são encontradas, capturadas e ingeridas. Este ensaio examina o que conteúdos digestivos, regurgitações e observações diretas de predação revelam sobre a estratégia alimentar de *Drymarchon corais*. A literatura documenta o consumo de anuros, lagartos, anfisbenas, serpentes, aves, mamíferos e ovos, além de comportamentos como inspeção de cavidades, apreensão por diferentes regiões do corpo, ancoragem, tração, compressão, contorções, giros, arraste e ingestão iniciada pela cabeça ou pela cauda. Os conteúdos digestivos demonstram amplitude alimentar, enquanto os eventos de campo revelam um repertório

comportamental variável em nível específico. A ofiofagia fornece algumas das observações mais detalhadas, mas constitui apenas parte da dieta e não caracteriza especialização. O consumo de sapos tóxicos e serpentes peçonhentas confirma que essas defesas não impedem necessariamente a predação, sem comprovar imunidade fisiológica. Conclui-se que a dieta de *D. corais* possui amplitude taxonômica e funcional associada ao forrageamento ativo e a um repertório diversificado de captura, contenção e ingestão. Essa variação não demonstra, por si só, plasticidade comportamental individual.

PALAVRAS-CHAVE: Comportamento alimentar. Forrageamento ativo. Generalismo alimentar.

WHAT DO PREY DIVERSITY AND PREDATION CONTEXTS REVEAL ABOUT THE FEEDING STRATEGY OF *DRYMARCHON CORAIS*?

ABSTRACT: A snake's dietary breadth depends not only on the taxonomic diversity of its prey but also on the circumstances in which prey are encountered, captured, and ingested. This essay examines what digestive contents, regurgitations, and direct observations of predation reveal about the feeding strategy of *Drymarchon corais*. The literature documents the consumption of anurans, lizards, amphisbaenians, snakes, birds, mammals, and eggs, as well as behaviors such as cavity inspection, seizure at different body regions, anchoring, pulling, compression, contortions, body rolling, dragging, and ingestion initiated from either the head or the tail. Digestive contents demonstrate dietary breadth,

whereas field observations reveal a variable behavioral repertoire at the species level. Ophiophagy provides some of the most detailed observations but represents only part of the diet and does not characterize specialization. The consumption of toxic toads and venomous snakes confirms that these defenses do not necessarily prevent predation, but does not demonstrate physiological immunity. The diet of *D. corais* has both taxonomic and functional breadth associated with active foraging and a diverse repertoire of prey capture, restraint, and ingestion. This variation does not, by itself, demonstrate individual behavioral plasticity.

KEYWORDS: Active foraging. Dietary generalism. Feeding behavior.

1 Introdução

A dieta de uma serpente pode ser descrita pelas presas encontradas em seu trato digestivo ou registradas durante eventos de alimentação. Essa descrição é indispensável, mas não revela, por si mesma, como os recursos são localizados, capturados e ingeridos. Presas taxonomicamente distintas podem impor desafios semelhantes, enquanto animais do mesmo grupo podem diferir em tamanho, forma corporal, mobilidade, mecanismos defensivos e relação com o substrato. Compreender uma estratégia alimentar exige, portanto, examinar não apenas o que é consumido, mas também as circunstâncias dos encontros e os comportamentos empregados durante a predação.

Conteúdos digestivos e observações diretas fornecem informações complementares. Os primeiros comprovam o consumo, mas raramente permitem reconstruir procura, captura e subjugação; as segundas documentam sequências comportamentais, embora sejam episódicas, por vezes incompletas e sujeitas à interferência dos observadores. Diferentes métodos também podem favorecer a detecção de determinadas presas e produzir reconstruções distintas da dieta (Glaudas; Kearney; Alexander, 2017; Maritz *et al.*, 2021). A interpretação de uma estratégia alimentar deve integrar essas evidências sem atribuir representatividade a registros isolados.

Drymarchon corais é uma serpente de grande porte, predominantemente diurna, que forrageia ativamente no solo e também utiliza a vegetação. Sua dieta inclui anuros, lagartos, anfisbenas, serpentes, aves, mamíferos e ovos (Bernarde; Abe, 2010; Prudente *et al.*, 2014). Essa amplitude taxonômica reúne presas que diferem funcionalmente quanto à mobilidade, forma corporal, período de atividade, localização e capacidade defensiva. Os registros de campo acrescentam formas variadas de procura, apreensão, contenção e ingestão diante de presas e condições ambientais distintas (Campos *et al.*, 2010; Champagne; Rosolie; Payne, 2021; Couto; Loureiro Neto, 2024; Mensah *et al.*, 2025).

A ofiofagia oferece observações particularmente informativas desse repertório porque presas alongadas podem resistir por meio de contorções, enrolamento e apoio no substrato. Algumas serpentes consumidas são peçonhentas, assim como sapos do gênero *Rhinella* apresentam defesas químicas distintas. Esses registros ampliam a variedade de situações de predação conhecida, mas não demonstram especialização alimentar, imunidade ou adaptações específicas contra toxinas e peçonhas.

Este ensaio examina conjuntamente a amplitude alimentar demonstrada por conteúdos digestivos e regurgitações e a diversidade de comportamentos registrada durante procura, captura, contenção e ingestão. A questão que orienta a análise é: o que a diversidade de presas

e situações de predação revela sobre a estratégia alimentar de *Drymarchon corais*? Sustenta-se que a amplitude taxonômica e funcional da dieta está associada a um repertório comportamental variável entre situações de predação. Essa relação pode ser examinada no nível da espécie, sem pressupor plasticidade individual nem atribuir valor adaptativo a respostas ainda não testadas. A ofiofagia constitui uma situação especialmente informativa para essa análise, sem representar especialização ou elemento definidor da dieta.

2. Base documental e critérios de interpretação

Este ensaio foi construído como revisão narrativa orientada por uma pergunta analítica, não como revisão sistemática ou estimativa exaustiva da dieta de *Drymarchon corais*. A busca concentrou-se em literatura científica sobre alimentação, conteúdos digestivos, presas, predação, comportamento alimentar e ofiofagia. Foram priorizados trabalhos publicados aproximadamente nas duas últimas décadas, sem delimitação temporal rígida, e incorporadas publicações anteriores com dados primários ou informações necessárias à interpretação da dieta e do modo de forrageamento.

A localização das publicações combinou buscas pelo nome científico e pelos termos temáticos com o rastreamento das referências dos trabalhos recuperados. O corpus empírico reuniu 13 publicações diretamente relacionadas à alimentação de *D. corais* e um estudo de comunidade com informações individualizáveis sobre atividade e uso de substrato da espécie. Trabalhos conceituais sobre métodos de estudo da dieta, modos de forrageamento e flexibilidade comportamental forneceram o enquadramento interpretativo. Fontes que apenas reproduziam registros anteriores não foram consideradas evidência primária.

Foram incluídos conteúdos estomacais ou intestinais, regurgitações e observações diretas de predação. Conteúdos digestivos e regurgitações comprovam ingestão, mas geralmente não informam onde ou como ocorreu a captura; regurgitações também podem ser provocadas por captura, transporte ou manipulação. Observações diretas revelam etapas comportamentais, mas podem começar após a captura, terminar antes do desfecho ou ser modificadas pela aproximação humana.

A composição alimentar reconstruída a partir de exemplares preservados também está sujeita a diferenças de digestibilidade e permanência dos tecidos no trato digestivo (Glaudas; Kearney; Alexander, 2017). Registros ocasionais, por sua vez, podem favorecer presas incomuns e eventos conspícuos. Embora ampliem o conhecimento da dieta, não permitem estimar isoladamente a utilização proporcional dos recursos (Maritz *et al.*, 2021).

Cada publicação foi examinada quanto à presa, localidade, horário, ambiente, etapa inicialmente observada, região corporal apreendida, contenção, relação com o substrato, direção de ingestão, resistência da presa, interferência dos observadores e desfecho. Foram consideradas somente informações descritas ou documentadas na fonte original; etapas anteriores ao início da observação não foram reconstruídas.

As conclusões foram organizadas em três níveis de suporte. O primeiro corresponde à ocorrência, quando um item ou comportamento foi documentado ao menos uma vez. O segundo corresponde à recorrência, que pode ser taxonômica, quando presas da mesma categoria aparecem em diferentes fontes ou situações, ou comportamental, quando respostas comparáveis são registradas em eventos distintos. Recorrência indica repetição documental, não frequência populacional nem equivalência funcional. O terceiro corresponderia à demonstração funcional de que uma resposta aumenta sistematicamente o êxito sob condições específicas. O corpus sustenta ocorrências e algumas recorrências, mas não dispõe de testes suficientes para demonstrar o valor funcional dos comportamentos.

Observações e interpretações foram tratadas separadamente. Presença no trato digestivo demonstra consumo, não preferência ou contribuição energética, que exigiriam dados de disponibilidade e biomassa. Ingestão de animais tóxicos ou peçonhentos não comprova imunidade, e funções atribuídas a mordidas, compressões, contorções ou direções de ingestão foram mantidas como hipóteses quando não testadas. “Repertório comportamental variável” designa a diversidade de respostas documentadas para a espécie, não a capacidade de todos os indivíduos empregarem todas elas ou de um mesmo indivíduo modificar sua resposta. Flexibilidade individual exige mudanças observadas no próprio animal sob condições distintas (Lea et al., 2020).

A identidade taxonômica foi controlada porque táxons atualmente reconhecidos como espécies distintas já foram tratados como subespécies de *D. corais* (Wüster; Yrausquin; Mijares-Urrutia, 2001). Registros de *Drymarchon couperi*, *D. melanurus*, *D. caudomaculatus* e outras espécies do gênero não foram incorporados como evidência direta. Fontes secundárias foram rastreadas até a publicação original quando nomenclatura ou localidade indicavam possível atribuição a outro táxon.

A análise considerou diversidade funcional das presas, circunstâncias de encontro, mecanismos de captura e contenção e processos de ingestão. O objetivo não foi reconstruir uma dieta proporcional para toda a distribuição da espécie, mas distinguir relações documentadas, recorrências e interpretações funcionais ainda não testadas.

3. Um repertório alimentar amplo, mas não indiferenciado

A classificação de *Drymarchon corais* como generalista encontra respaldo nos conteúdos digestivos. Em Rondônia, foram registrados anuros, lagartos, serpentes, ovos de aves e roedores (Bernarde; Abe, 2010). Na Amazônia brasileira, 25 dos 76 indivíduos examinados apresentaram conteúdos identificáveis, totalizando 32 itens: nove anuros (28,12%); cinco lagartos, cinco serpentes e cinco ovos de aves (15,63% por categoria); três ovos de répteis, que constituíram o primeiro registro dessa categoria na dieta da espécie; uma anfisbena; uma ave; e um mamífero (Prudente et al., 2014). Esses números expressam itens identificados, não biomassa ou contribuição energética, e podem ser influenciados pela permanência diferencial dos tecidos no trato digestivo (Glaudas; Kearney; Alexander, 2017).

Apesar dessas limitações, a amostra reúne presas funcionalmente distintas: animais alongados, como serpentes e anfisbenas; presas relativamente volumosas, como anuros, aves e mamíferos; e recursos imóveis, como ovos. Estes últimos demonstram que a alimentação não se restringe à captura de vertebrados móveis, embora não permitam distinguir procura dirigida por ninhos de encontros ocasionais. Dentro das categorias também existe heterogeneidade: os anuros incluem *Rhinella* e *Leptodactylus*; os répteis, lagartos de superfície, uma anfisbena predominantemente fossorial e serpentes de diferentes famílias; e os mamíferos, roedores e marsupiais (Prudente et al., 2014; Silva; Almeida; Viana, 2025).

A amplitude também foi registrada em um único indivíduo. Durante o transporte, uma fêmea regurgitou neonatos de *Rattus* sp., duas *Rhinella marina* e um juvenil de *Didelphis marsupialis*, além de duas embalagens plásticas (Silva; Almeida; Viana, 2025). A coexistência dessas presas demonstra amplitude individual, mas os locais e intervalos de captura são desconhecidos, assim como a origem dos plásticos. O episódio não evidencia um mecanismo específico de forrageamento nem associação entre a dieta e o ambiente antropizado.

Juvenis examinados por Prudente et al. (2014) haviam ingerido *Tropidurus hispidus*, *Atractus* sp. e *Erythrolamprus reginae*. Adultos consumiram categorias semelhantes e tenderam a ingerir presas maiores, mas não houve relação estatisticamente significativa entre o comprimento dos predadores e o das presas, e poucos juvenis continham alimento. Assim, jovens e adultos compartilham parte do repertório conhecido, sem demonstração de mudança ontogenética definida.

“Generalista” deve ser entendido como amplitude taxonômica e funcional documentada, não como aceitação indiferenciada ou utilização proporcional de todas as

presas disponíveis. Demonstrar preferência exigiria comparar consumo e disponibilidade ambiental. Registros ocasionais ampliam a relação de itens conhecidos, mas podem favorecer ocorrências raras ou conspícuas (Maritz et al., 2021). A enumeração das presas descreve o resultado alimentar; compreender como recursos tão diferentes integram a dieta requer examinar suas circunstâncias de encontro, captura e ingestão.

4. Forrageamento ativo e oportunidades de encontro

O modo de forrageamento influencia as circunstâncias de encontro, o tamanho relativo das presas e a composição da dieta, embora essas relações variem entre linhagens (Glaudas et al., 2019). *Drymarchon corais* é predominantemente diurna, utiliza o solo e a vegetação e forrageia ativamente em ambientes abertos e florestados (Bernarde; Abe, 2006; Prudente et al., 2014). A espécie não depende exclusivamente da aproximação de presas a um ponto fixo de espera. Esse modo de atividade orienta a interpretação dos registros, mas não explica automaticamente a amplitude alimentar. A maior parte das informações, contudo, provém de conteúdos digestivos e encontros ocasionais, não do acompanhamento contínuo de indivíduos durante o forrageamento.

Em Rondônia, um indivíduo foi observado pela manhã inspecionando uma cavidade no solo, sem que uma presa fosse encontrada (Bernarde; Abe, 2010). Em floresta ombrófila de terra firme, uma *D. corais* de aproximadamente 180 cm encontrou ao meio-dia um *Leptodactylus knudseni* adulto abrigado junto a pedaços de madeira, capturou sua região posterior e o ingeriu vivo em cerca de oito minutos (Oliveira et al., 2017). Por ser predominantemente noturno, o anuro provavelmente estava em repouso. Os eventos são compatíveis com a exploração de estruturas utilizadas como abrigo, mas não informam sua frequência nem os estímulos que orientaram a procura.

Em uma mata de galeria no Cerrado, uma *D. corais* foi observada pela manhã contendo uma *Amphisbaena alba* adulta na superfície (Campos et al., 2010). A presa é predominantemente fossorial, mas a atividade anterior à observação não foi acompanhada. O evento confirma o consumo da anfisbena na superfície, não a procura em ambiente subterrâneo.

Esses casos mostram que uma serpente diurna pode encontrar presas noturnas em repouso ou animais fossoriais temporariamente expostos. Não demonstram, contudo, que a assincronia favoreça a captura ou que refúgios sejam regularmente explorados. Refúgios podem limitar a fuga da presa, mas também dificultar a aproximação do predador. Tampouco

os conteúdos digestivos permitem reconstruir onde os itens foram obtidos. A presença de presas associadas ao solo e à vegetação é compatível com o uso de diferentes substratos (Prudente et al., 2014), mas as observações permanecem condicionadas pela visibilidade dos encontros.

A evidência sustenta o forrageamento ativo e documenta inspeção de cavidade, captura de anuro em possível abrigo e consumo de presa fossorial encontrada na superfície. A exploração recorrente de diferentes microambientes como causa da amplitude alimentar permanece uma hipótese. Os encontros somente resultam em consumo quando o predador consegue conter e ingerir presas que diferem em forma, resistência e relação com o substrato.

5. Captura, contenção e ingestão: variação documentada entre eventos

Depois do encontro, o predador precisa manter contato, limitar a fuga e posicionar a presa para a deglutição. Esses desafios variam conforme o tamanho, a forma corporal e os movimentos da presa, além das possibilidades de apoio oferecidas pelo substrato. Formas distintas de manipulação podem afetar o controle e o tempo de subjugação, mas sua vantagem funcional exige comparações padronizadas (Bealor; Saviola, 2007). Os registros de *D. corais* não oferecem esses testes, embora documentem sequências variadas.

A captura de *Leptodactylus knudseni* envolveu mordida na região posterior e ingestão do anuro ainda vivo, concluída em aproximadamente oito minutos, sem constrição ou contenção prolongada registrada (Oliveira et al., 2017). Na predação de *Amphisbaena alba*, houve apreensão cefálica e contorções antes da ingestão, que durou cerca de 40 minutos (Campos et al., 2010). A contenção pela cabeça é compatível com a limitação dos movimentos da presa, mas sua função não foi testada, e as contorções não podem ser automaticamente classificadas como constrição.

Na região do rio Las Piedras, no Peru, uma *D. corais* de aproximadamente 1,5 m continha uma *Oxyrhopus melanogenys* de cerca de 1 m, parcialmente enrolada na vegetação e ao redor da cabeça e do pescoço do predador. A serpente ancorou a cauda em uma touceira, reteve a região posterior da presa e empregou tração, mordidas e compressões até que ela se soltasse, após cerca de 20 minutos, sendo então ingerida viva (Champagne; Rosolie; Payne, 2021). A vegetação ofereceu apoio a ambos os animais, mas uma única observação não permite generalizar essa combinação de movimentos.

Na mesma região, outro indivíduo já havia ingerido a cabeça e parte do corpo de uma *Clelia clelia* subadulta quando foi encontrado; realizou giros e a arrastou sob a serapilheira,

mas o desfecho não foi observado (Champagne; Rosolie; Payne, 2021). No Mato Grosso do Sul, uma *D. corais* ingeriu pela cabeça uma *Philodryas olfersii* cuja cauda permanecia enrolada em um arbusto, concluindo o processo em aproximadamente 50 minutos apesar da resistência da presa e da aproximação dos observadores (Couto; Loureiro Neto, 2024). Os eventos confirmam a participação do substrato, sem demonstrar a função dos giros ou uma resposta obrigatória à resistência.

A aproximação humana foi seguida por desfechos diferentes. Enquanto a ingestão de *P. olfersii* foi mantida, uma serpente que capturara *Micrurus lemniscatus* vibrou a cauda, deslocou-se em direção a uma raiz e regurgitou a presa (Nogueira et al., 2024). Na Guiana Francesa, outro indivíduo arrastou uma *Siphlophis cervinus* parcialmente ingerida em direção a uma raiz tabular, também vibrou a cauda e regurgitou a presa após os observadores alterarem a serapilheira (Mensah et al., 2025). Os casos documentam manutenção, busca de abrigo e abandono da presa, mas diferem quanto a indivíduos, presas, ambientes, etapa da ingestão e interferência. A presença humana pode ter influenciado os desfechos, mas seu efeito não pode ser isolado das demais condições. Esses casos não permitem estabelecer uma regra de resposta ao risco.

A orientação foi determinada em 17 itens examinados por Prudente et al. (2014): 15 foram ingeridos pela extremidade anterior e dois pela posterior. A predominância da orientação cefálica não demonstra sua eficiência relativa. Em um dos registros posteriores, uma *Epicrates cenchria* viva estava parcialmente ingerida pela cauda e mantinha a região anterior enrolada em um galho. *Drymarchon corais* empregou movimentos mandibulares, contrações e tração para desprendê-la, inclusive após nova fixação em outro galho, e deixou o local com apenas parte da região cefálica ainda exposta (Mensah et al., 2025). O evento demonstra que a ingestão caudal pode prosseguir apesar da resistência mecânica, mas não revela se essa orientação resultou da captura inicial, da dificuldade de reposicionamento ou de outro fator.

Em conjunto, os registros documentam apreensão por diferentes regiões, ancoragem, tração, compressão, contorções, giros, arraste e ingestão pelas duas extremidades. Essa diversidade pode refletir propriedades das presas e do substrato, diferenças individuais, etapas distintas das observações ou interferência humana. Não permite calcular a frequência nem o valor adaptativo dos comportamentos, mas revela um repertório mais amplo que a simples apreensão seguida de deglutição.

6. Presas tóxicas e peçonhentas: consumo documentado, mecanismos incertos

Parte do interesse pela alimentação de *Drymarchon corais* decorre do consumo de animais dotados de defesas químicas. Sapos do gênero *Rhinella* produzem secreções tóxicas em glândulas cutâneas, enquanto serpentes das famílias Viperidae e Elapidae possuem aparelhos de inoculação de peçonha. Essas defesas envolvem formas distintas de exposição e não devem ser reunidas sob uma explicação única. Em ambos os casos, é necessário separar captura, ingestão e resistência fisiológica: a documentação das duas primeiras não comprova automaticamente a terceira.

Os anuros foram a categoria mais frequente no estudo quantitativo realizado na Amazônia brasileira. Entre os nove itens registrados, seis foram identificados como *Rhinella marina* (Prudente et al., 2014). A mesma espécie apareceu entre os itens regurgitados por uma fêmea adulta em Presidente Figueiredo, Amazonas (Silva; Almeida; Viana, 2025). A recorrência demonstra que o consumo de *Rhinella* não está representado apenas por uma observação ocasional, embora a ausência de dados sobre disponibilidade ambiental impeça determinar preferência.

Uma observação comparativa acrescentou informações sobre a ingestão desses anuros. *Drymarchon corais* e *Caiman crocodilus* foram registrados consumindo *Rhinella diptycha*, mas empregaram comportamentos diferentes. O jacaré manipulou a presa de maneira associada à redução do contato com as glândulas parotóides, enquanto a serpente a ingeriu sem remover ou evitar externamente essas estruturas (Oda et al., 2022). O evento confirma o consumo integral do anuro, mas não esclarece dose, absorção, efeitos fisiológicos ou neutralização das toxinas. A ausência de sinais externos durante a observação também não equivale à demonstração de imunidade.

A mesma distinção se aplica às serpentes peçonhentas. Conteúdos digestivos confirmaram a ingestão de dois exemplares de *Bothrops taeniatus* por *D. corais* na Amazônia brasileira (Prudente et al., 2014). Como os predadores foram examinados depois de preservados, não foi possível reconstruir a captura nem determinar se houve inoculação. O dado comprova consumo bem-sucedido, mas não informa se o predador foi mordido.

A predação de *Bothrops atrox* foi posteriormente observada em Alenquer, Pará. Um indivíduo de *D. corais* com aproximadamente 190 cm foi registrado predando uma *B. atrox* adulta de cerca de 70 cm em pastagem junto à borda de floresta ombrófila (Garcia-da-Silva; Soares Filho, 2024). Na Bahia, outra *D. corais* aproximou-se de uma *Lachesis muta* juvenil, apreendeu-a pela cabeça e a arrastou para a vegetação, iniciando sua ingestão ainda viva sem

constrição observada (Santos; Argolo; Nascimento, 2024). Os dois eventos confirmam interações diretas com viperídeos, mas nenhum documenta inoculação de peçonha.

Em Mato Grosso, outro indivíduo capturou um exemplar de *Micrurus lemniscatus* pela cabeça e iniciou sua ingestão. Depois da aproximação humana, *D. corais* vibrou a cauda, arrastou a presa em direção a uma raiz, regurgitou-a e deixou o local (Nogueira *et al.*, 2024). O evento documenta captura e ingestão parcial de um elapídeo, não consumo concluído ou resistência à peçonha.

A apreensão da cabeça nos eventos com *L. muta* e *M. lemniscatus* constitui uma recorrência comportamental limitada. Essa posição pode restringir movimentos defensivos, mas não está demonstrado que represente uma resposta específica ao risco de envenenamento. *Drymarchon corais* também conteve pela cabeça uma anfisbena e iniciou pela região anterior a ingestão de serpentes não peçonhentas. Em outros eventos de ofiofagia, capturou ou ingeriu presas por regiões posteriores, como ocorreu com *Oxyrhopus melanogenys* e *Epicrates cenchria* (Champagne; Rosolie; Payne, 2021; Mensah *et al.*, 2025).

O conjunto de serpentes consumidas ou parcialmente ingeridas inclui *Atractus* sp., *Erythrolamprus reginae*, *Pseudoboa nigra*, *Bothrops taeniatus*, *Leptodeira annulata*, *Oxyrhopus melanogenys*, *Clelia clelia*, *Philodryas olfersii*, *Bothrops atrox*, *Lachesis muta*, *Micrurus lemniscatus*, *Epicrates cenchria* e *Siphlophis cervinus* (Prudente *et al.*, 2014; Pelegri; Venâncio; Kuniy, 2019; Champagne; Rosolie; Payne, 2021; Couto; Loureiro Neto, 2024; Garcia-da-Silva; Soares Filho, 2024; Nogueira *et al.*, 2024; Santos; Argolo; Nascimento, 2024; Mensah *et al.*, 2025). Essa relação demonstra amplitude taxonômica da ofiofagia, abrangendo presas peçonhentas e não peçonhentas com diferentes dimensões e comportamentos defensivos.

A quantidade de publicações sobre ofiofagia não representa diretamente sua importância proporcional na dieta. Eventos envolvendo serpentes grandes, peçonhentas ou facilmente reconhecíveis podem apresentar maior probabilidade de observação e publicação. Notas ocasionais ampliam a relação de presas conhecidas, mas podem distorcer inferências sobre frequência relativa quando utilizadas sem estudos sistemáticos (Maritz *et al.*, 2021). A melhor referência quantitativa continua sendo a amostra de Prudente *et al.* (2014), na qual serpentes corresponderam a 15,63% dos itens identificados.

A ofiofagia deve, portanto, ser interpretada como componente recorrente, mas não dominante, da dieta conhecida. Seu valor analítico está na qualidade das informações comportamentais fornecidas por alguns eventos. Presas alongadas podem utilizar contorções, enrolamento e pontos de apoio no substrato, enquanto espécies peçonhentas acrescentam um

risco potencial ausente na captura de ovos ou de animais incapazes de inocular substâncias defensivas.

A evidência disponível sustenta que *D. corais* captura e ingere sapos tóxicos e determinadas serpentes peçonhentas. Não sustenta afirmações sobre imunidade, neutralização de toxinas ou resistência generalizada a diferentes peçonhas. Tampouco permite concluir que apreensão cefálica, contenção firme ou rapidez de ingestão tenham evoluído especificamente em resposta a essas defesas. Os mecanismos fisiológicos e as possíveis funções protetoras dos comportamentos observados permanecem hipóteses.

7. Da diversidade de presas à estratégia alimentar

O repertório conhecido de *Drymarchon corais* não pode ser explicado por um único atributo. O grande porte amplia o intervalo de presas passíveis de ingestão, mas não explica a localização de animais abrigados ou o consumo de ovos. A atividade diurna favorece encontros com presas expostas, embora a dieta também inclua animais predominantemente noturnos. A capacidade de ingerir corpos alongados permite a ofiofagia, mas não explica o consumo de anuros volumosos, aves e mamíferos. A amplitude alimentar resulta, portanto, de situações distintas de encontro e de formas igualmente variadas de captura, contenção e ingestão.

Os tipos de evidência revelam dimensões complementares dessa alimentação. Conteúdos digestivos demonstram quais recursos foram efetivamente consumidos, enquanto observações de campo revelam algumas das formas pelas quais determinados encontros resultaram em ingestão. A primeira fonte sustenta a amplitude taxonômica e funcional da dieta; a segunda documenta um repertório comportamental variável diante de presas com diferentes formas corporais, capacidades defensivas e relações com o substrato. Nenhuma delas permite, isoladamente, estimar preferência alimentar ou a frequência populacional dos comportamentos.

O forrageamento ativo oferece uma explicação possível para parte da diversidade de encontros. O deslocamento pelo solo, o uso da vegetação, a inspeção de cavidade e a captura de um anuro noturno em possível abrigo são compatíveis com a exploração de diferentes situações espaciais e temporais (Bernarde; Abe, 2006, 2010; Oliveira *et al.*, 2017; Prudente *et al.*, 2014). Para que essas oportunidades se convertam em consumo, entretanto, o predador precisa conservar o contato e ingerir presas que diferem em mobilidade, forma e resistência. As sequências documentadas confirmam diferentes formas de apreensão, contenção e

ingestão, mas não demonstram que todos os indivíduos disponham de todas as respostas nem que um mesmo animal modifique deliberadamente seu comportamento diante de cada situação.

A ofiofagia torna essa relação especialmente visível, sem definir a estratégia alimentar da espécie. Serpentes constituíram uma parcela minoritária da principal amostra quantitativa, mas forneceram algumas das observações mais detalhadas sobre resistência, contenção e interação com o substrato (Prudente *et al.*, 2014). O consumo de sapos tóxicos e serpentes peçonhentas amplia o espectro das situações documentadas, mas não comprova inoculação, imunidade ou adaptações comportamentais específicas contra defesas químicas. Esses eventos evidenciam desafios particulares enfrentados pelo predador, não especialização alimentar ou superioridade funcional das respostas observadas.

A expressão “dieta generalista” descreve adequadamente a amplitude taxonômica observada, mas não explica o processo que a produz. A estratégia alimentar conhecida de *D. corais* integra duas dimensões documentadas em níveis diferentes: uma dieta taxonômica e funcionalmente ampla, comprovada principalmente por conteúdos digestivos, e um repertório específico diversificado de procura, captura, contenção e ingestão, revelado sobretudo por observações ocasionais. Essa integração mostra que a amplitude alimentar envolve não apenas a variedade das presas consumidas, mas também diferentes circunstâncias de encontro e respostas do predador, sem que diversidade comportamental em nível específico seja confundida com flexibilidade individual.

8. Considerações finais

A diversidade de presas e situações de predação revela que a estratégia alimentar de *Drymarchon corais* integra uma dieta taxonômica e funcionalmente ampla a diferentes formas de procura, captura, contenção e ingestão. O forrageamento ativo é compatível com a diversificação das oportunidades de encontro, enquanto os registros de campo documentam sequências variadas diante de presas com diferentes formas corporais, capacidades defensivas e relações com o substrato. A ofiofagia torna parte desse repertório especialmente visível, mas não representa especialização alimentar.

A literatura sustenta a associação entre diversidade funcional das presas e repertório comportamental variável no nível da espécie. Não permite, contudo, estimar a utilização proporcional dos recursos, demonstrar flexibilidade individual ou atribuir valor adaptativo às respostas observadas. Do mesmo modo, o consumo de sapos tóxicos e serpentes peçonhentas

não comprova imunidade ou adaptações específicas contra toxinas e peçonhas. A estratégia conhecida emerge, portanto, da integração entre o que a espécie consome e as diferentes formas pelas quais alguns desses recursos são encontrados e ingeridos, dentro dos limites de um conhecimento composto por poucos estudos quantitativos e observações ocasionais.

Referências

BEALOR, Matthew T.; SAVIOLA, Anthony J. Behavioural complexity and prey-handling ability in snakes: gauging the benefits of constriction. **Behaviour**, v. 144, n. 8, p. 907–929, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1163/156853907781492690>.

BERNARDE, Paulo Sérgio; ABE, Augusto Shinya. A snake community at Espigão do Oeste, Rondônia, Southwestern Amazon, Brazil. **South American Journal of Herpetology**, v. 1, n. 2, p. 102–113, 2006. DOI: [https://doi.org/10.2994/1808-9798\(2006\)1\[102:ASCAED\]2.0.CO;2](https://doi.org/10.2994/1808-9798(2006)1[102:ASCAED]2.0.CO;2).

BERNARDE, Paulo Sérgio; ABE, Augusto Shinya. Hábitos alimentares de serpentes em Espigão do Oeste, Rondônia, Brasil. **Biota Neotropica**, v. 10, n. 1, p. 167–173, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1676-06032010000100017>.

CAMPOS, Vítor Azarias; ODA, Fabrício Hiroiuki; CURCINO, Alcimara Feraboli; CURCINO, Alexandre. An unusual prey item for the yellow tail cribo *Drymarchon corais* Boie 1827, in the Brazilian Savannah. **Herpetology Notes**, v. 3, p. 229–231, 2010.

CHAMPAGNE, Patrick S.; ROSOLIE, Paul; PAYNE, Carter J. *Drymarchon corais* (Yellow-tailed Creebo). Diet and ophiophagy. **Herpetological Review**, v. 52, n. 4, p. 870–871, 2021.

COUTO, Rodney Murillo Peixoto; LOUREIRO NETO, José Rodrigues. *Drymarchon corais* (Yellow-tail Cribo). Diet. **Herpetological Review**, v. 55, n. 1, p. 111, 2024.

GARCIA-DA-SILVA, Antônio Samuel; SOARES FILHO, Alexandre Gazel. Predação de *Bothrops atrox* (Squamata: Viperidae) por *Drymarchon corais* (Squamata: Colubridae) na região oeste do Pará, Amazônia central. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais*, v. 19, n. 2, e2024-e984, 2024. DOI: <https://doi.org/10.46357/bcnaturais.v19i2.984>.

GLAUDAS, Xavier; GLENNON, Kelsey L.; MARTINS, Marcio; LUISELLI, Luca; FEARN, Simon; TREMBATH, Dane F.; JELIĆ, Dušan; ALEXANDER, Graham J. Foraging mode, relative prey size and diet breadth: a phylogenetically explicit analysis of snake feeding ecology. **Journal of Animal Ecology**, v. 88, n. 5, p. 757–767, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1111/1365-2656.12972>.

GLAUDAS, Xavier; KEARNEY, Teresa C.; ALEXANDER, Graham J. Museum specimens bias measures of snake diet: a case study using the ambush-foraging Puff Adder (*Bitis arietans*). **Herpetologica**, v. 73, n. 2, p. 121–128, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1655/HERPETOLOGICA-D-16-00055>.

LEA, Stephen E. G.; CHOW, Pizza K. Y.; LEAVER, Lisa A.; MCLAREN, Ian P. L. Behavioral flexibility: a review, a model, and some exploratory tests. **Learning & Behavior**, v. 48, n. 1, p. 173–187, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3758/s13420-020-00421-w>.

MARITZ, Bryan; HOFMANN, Erich P.; MARITZ, Robin A.; GREENE, Harry W.; GRUNDLER, Matthew C.; DURSO, Andrew M. Challenges and opportunities in the study of snake diets. **Herpetological Review**, v. 52, n. 4, p. 769–773, 2021.

MENSAH, John Bosu; FELSCH, Joey; SIMON, Ádám; RINGLER, Eva. Updating the snake menu: two cases of ophiophagy by the Western Indigo Snake, *Drymarchon corais* (Boie, 1827), in a Neotropical rain forest. **Herpetology Notes**, v. 18, p. 981–983, 2025.

NOGUEIRA, André Luiz Gama; FERNANDES, Antônio P. B.; OSOWSKI, Germana V.; SENA, Marco A. de. First record of predation by the Western Indigo Snake, *Drymarchon corais* (Boie, 1827), on the South American Coralsnake, *Micrurus lemniscatus* (Linnaeus, 1758), in northern Mato Grosso, Brazil. **Herpetology Notes**, v. 17, p. 775–778, 2024.

ODA, Fabrício Hiroiuki; SIGNORELLI, Luciana; SOUZA, Franciele Cristina de; SOUZA, Valter Calheiros de; ALMEIDA, Waltécio de Oliveira; PEREIRA, Luana Nazareno; MORAIS, Alessandro Ribeiro de. *Drymarchon corais* (Colubridae) and *Caiman crocodilus* (Alligatoridae) use different feeding behaviors to consume poisonous toads. **Biotropica**, v. 54, n. 3, p. 566–570, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1111/btp.13089>.

OLIVEIRA, Jomara C.; MENDES, Diego M. M.; SILVA-NETO, Alberto M. *Drymarchon corais* (Indigo Snake). Diet. **Herpetological Review**, v. 48, n. 3, p. 672, 2017.

PELEGRINI, Sóstenes José Souza; VENÂNCIO, Nathocley Mendes; KUNIY, Adriana Akemi. Note on an event of double predation: *Leptodeira annulata* (Linnaeus, 1758) (Serpentes: Dipsadidae) being predated by *Drymarchon corais* Boie, 1827 (Serpentes: Colubridae), being predated in turn by *Bothrops atrox* (Linnaeus, 1758) (Serpentes: Viperidae). **Herpetology Notes**, v. 12, p. 1193–1195, 2019.

PRUDENTE, Ana Lúcia da Costa; MENKS, Alessandro Costa; SILVA, Fernanda Magalhães da; MASCHIO, Gleomar Fabiano. Diet and reproduction of the Western Indigo Snake *Drymarchon corais* (Serpentes: Colubridae) from the Brazilian Amazon. **Herpetology Notes**, v. 7, p. 99–108, 2014.

SANTOS, Aline B. dos; ARGOLO, Antônio J. S.; NASCIMENTO, Daniel G. Predation on an Atlantic Bushmaster, *Lachesis muta* (Linnaeus, 1766) by a Western Indigo Snake, *Drymarchon corais* (Boie, 1827). **Herpetology Notes**, v. 17, p. 583–585, 2024.

SILVA, Caio S. da; ALMEIDA, Marlus Q.; VIANA, Patrik F. Silent threats: first case of plastic ingestion by *Drymarchon corais* (Yellow-tailed Indigo Snake) highlights environmental risks of improper waste disposal in the Amazon. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 97, supl. 2, e20250474, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/0001-3765202520250474>.

WÜSTER, Wolfgang; YRAUSQUIN, José L.; MIJARES-URRUTIA, Abraham. A new species of indigo snake from north-western Venezuela (Serpentes: Colubridae: *Drymarchon*). **Herpetological Journal**, v. 11, n. 4, p. 157–165, 2001.

Recebido:	05/05/2026
Publicado:	30/06/2026

ⁱ Pesquisador independente. Tecnólogo em Gestão Ambiental e Saneamento Ambiental, graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas e especialista em Zoologia. Desenvolve pesquisas sobre conservação da fauna, conflitos socioambientais e comunicação ambiental. E-mail: cfbveiga@gmail.com.